

A ascensão de Frank Underwood por meio do seu arco narrativo na primeira temporada de *House of Cards* ¹

Bruno Vinelli Nunes de Oliveira ARAÚJO²
Prof. Dr. Marcel Vieira Barreto SILVA ³
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

RESUMO

House of Cards é uma série ligeiramente baseada no livro Ricardo III de William Shakespeare que reinventa o protagonista colocando-o como um político americano que ao perder o cargo de Secretário de Estado, planeja a sua volta a todo custo, porém com discrição e perspicácia. Produzido pelo serviço de *streaming* Netflix é uma das séries mais premiadas da empresa, levando no primeiro ano, 2013, o Emmy de melhor direção, melhor direção de fotografia e melhor elenco. Portanto, o objetivo deste trabalho é demonstrar, por meio dos conceitos de fios narrativos propostos por Barthes(2009), como seus arcos narrativos levam a escalada do congressista, Frank ‘Francis’ Underwood, até sua chegada ao cargo de Vice-Presidente.

PALAVRAS-CHAVE: Netflix; Narrativa; Séries; Televisão; Arcos.

INTRODUÇÃO

Em uma noite ouve-se uma freada de carro, som de batida e de um animal agonizando de dor e logo percebe-se que houve um atropelamento de um cachorro. Um homem de meia idade, sendo representado pelo ator americano Kevin Spacey, sai de sua casa e vai ao encontro do animal moribundo. Ele olha diretamente para a câmera, quebrando a quarta parede, e fala:

Há dois tipos de dor: a dor que o torna mais forte e a dor inútil, a que se reduz a sofrimento. Não tenho paciência com inutilidades. Momentos como este exigem alguém que aja que faça o desagradável, o necessário. Pronto. A dor parou. (FRANK, Capítulo 1, 0:01:04).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática IJ04 – Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPB, email: bvinelli@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Cinema e Audiovisual, email: marcelvbs@hotmail.com

Matando o cachorro. Este é o protagonista da série *House of Cards* (2013-) criada por Beau Willimon, produzido pela Netflix, Frank ‘Francis’ Underwood, um político americano que se mostra para o espectador (figura 1), em apenas um discurso, sua personalidade, isto é, um cidadão que não gosta de pessoas inúteis e fracas e que poderá eliminar (ou descartar como o jogo de cartas de um baralho) qualquer um que estiver em seu caminho ou não tiver mais utilidade.

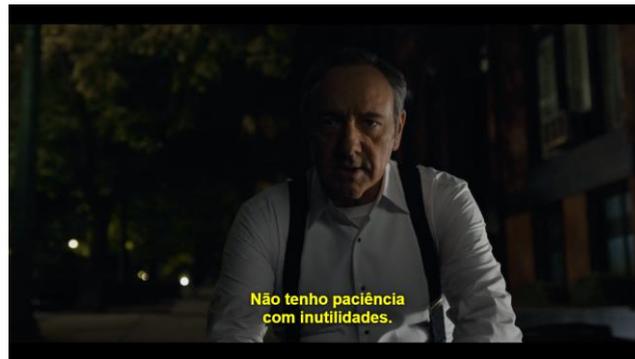


Figura 1 – Frank mata o cachorro

Inspirado no livro Ricardo III de Shakespeare, que retrata a ascensão do Duque a todo custo - matando e traindo em seu curto reinado -, a série mostra a vida do congressista após perder a oportunidade de exercer o cargo de Secretário de Estado. Deste modo, ele inicia uma campanha para difamar o Presidente e apoderar-se do seu cargo. De acordo com o site da Netflix, em sua sinopse nos mostra: “Um político implacável não vai parar até conquistar Washington, D.C.”

House of Cards foi a primeira série produzida pela Netflix a ganhar no *Emmy Awards*, em 2013, que é considerado o Oscar da TV americana. Teve 9 indicações e ganhou um prêmio de Melhor Direção em Série Dramática.

Netflix is the new television

De acordo com Renata Pallottini, o conceito de programa televisivo de ficção:

É a história, mais ou menos longa, mais ou menos fracionada, inventada por um ou mais autores, representada por atores, que se transmite com linguagem e recurso de TV, para contar uma fábula, um enredo, como em outros tempos se fazia só no teatro e depois a fazer também no cinema (PALLOTTINI, 2012, p.29)

A autora mostra como a programação tem que ter horários definidos previamente para que o público fidelize o canal e seus programas, ao qual chamamos de grade. Por exemplo, o Jornal Nacional da Rede Globo que passa aproximadamente às 20h. Portanto, há uma importante relação entre a audiência e o tipo de programa, pois no horário que entra o jornal era a hora de descanso da família e todos vão a sala de tevê assistir as notícias logo após o jantar. Na década de 80, grande parte da população não tinha como gravar os programas, então, se perdesse o horário, não teria como ver depois. Com o passar do tempo, chegaram os videocassetes, fitas VHS (*Video Home System* ou Sistema Doméstico de Vídeo), ao qual poderia gravar um programa e vê-lo novamente em outro horário que bem entender. Desta forma, havia fitas com filmes para locar e assistir em casa. Com este modelo de negócio, uma empresa chamada Netflix, fundada em 1997 nos Estados Unidos por Reed Hastings e Marc Randolph, surgiu como um serviço de entrega de DVDs pelos correios e com o aumento da velocidade da Internet, ela iniciou suas “locações de filmes” por meio de *streaming*, ou seja, uma tecnologia que envia informações multimídia, por meio da transferência de dados, utilizando a Internet. E assim, o usuário paga uma mensalidade e tem acesso a todo o conteúdo que está disponível *on line*. No ano de 2016, de acordo com o site “Olhar Digital” ela tem 81 milhões de assinantes pelo mundo, podendo acessar o seu conteúdo a qualquer momento e não dependendo da grade rígida imposta pelos canais de televisão (a cabo e pública) aos usuários, gerando um início de uma possível crise no modelo de negócio televisivo com sua programação sem intervalos comerciais.

Quem iniciou estas mudanças foi a HBO (*Home Box Office*), canal americano de televisão fechada que chegou com um novo *slogan*, “*It’s not TV. It’s HBO*”, ou seja, HBO é um novo costume de assistir tevê e garantir programas de qualidade por excelência em seus roteiros, na sua estética visual e narrativa complexa, dando assim a qualidade de canal *premium*. De acordo com MACHADO (2014, p.22) quando ele explica sobre qualidade: “*Quality television* passa então a ser uma expressão rapidamente tomada como bandeira para uma abordagem diferenciada da televisão”. Como exemplos práticos de programas deste canal, temos em seus seriados: “*The Wire*(2002-2008)” de David Simon, “*Os Sopranos*(1999-2007)” de David Chase, “*Game of Thrones*(2011-)” David e D.B. Weiss.

PALLOTTINI (2012, p.29) define seriado como “uma produção ficcional para TV, estruturada em episódios independentes que têm, cada um em si, uma unidade relativa”. Há dois tipos de narrativa seriada: procedural e complexa (ou episódica). Enquanto uma conta uma história com início, meio e fim e tem unidade suficiente para que possam ser vistos

independentemente a qualquer momento, como as séries CSI, “Law and Order”, “Jeanie é o gênio”; outras séries como, Breaking Bad, Sopranos e *House of Cards*, por exemplo, não ocorrem estas etapas bem definidas, levando a uma complexidade narrativa:

Em seu nível mais básico, é uma redefinição de formas episódicas sob a influência da narração em série – não é necessariamente uma fusão completa dos formatos episódicos e seriados, mas um equilíbrio volátil. Recusando a necessidade de fechamento da trama em cada episódio, que caracteriza o formato episódico convencional, a complexidade narrativa privilegia estórias com continuidade e passando por diversos gêneros. (MITTELL, 2012, p.36)

Cada episódio tem sua unidade, mas em todo o seu conjunto, dará um sentido total de seu universo. Por exemplo, em Buffy, a caça vampiros(1997-2003), criada por Joss Whedon produzida pela FOX, toda semana havia uma criatura e no final da temporada, tinha um monstro da temporada que teria ou não ligação com os outros menores.

A HBO chegou ao mercado para inovar a forma de como assistir tevê. A Netflix modificou o modo de ver televisão. Antes era por radiodifusão e ela acaba com o formato tradicional com horas, programas fixos e criando um modelo sem grades, não linear, no qual o assinante escolhe o momento e local onde quer assistir, bastando estar conectado à Internet

Esta inovação da Netflix demonstra que o principal numa série é a criatividade com relação à estrutura narrativa, às estratégias narrativas, ao formato narrativo. Dê ao público uma boa trama, bem amarrada, com grandes personagens; conte bem a história e a série terá o seu público. Assistindo uma vez por semana, todos os dias, ou de uma vez só. Não é o modelo de negócio – divulgue em pedaços que o público comprará do jeito que você quer – que faz a narrativa seriada ter sucesso. O que faz a narrativa seriada ter sucesso, desde o folhetim, é a divisão em pedaços, são as perguntas lançadas para serem respondidas que obrigam o espectador a assistir o episódio seguinte (RODRIGUES, 2014, p.135)

Na Netflix toda a temporada de uma série é lançada no mesmo dia e na mesma hora, com exceção de *Better Call Saul*(2015-) que ainda segue o modelo tradicional de colocar no ar um episódio por semana, levando o assinante assistir a qualquer momento ou todos em um só dia, como se tivesse comprado uma caixa de DVDs com a temporada completa, neste caso, ela está *online* para ver onde quiser, bastando estar conectado com a grande rede

mundial. E criando assim um conceito chamado *Binge Watching* que seria em uma tradução bruta, “assistir até se entupir”.

Em vista disto, este artigo se propõe a mostrar por meio dos fios narrativos a ascensão do congressista, Frank Underwood, que perdeu um cargo, ao qual prometeram, e foi traído por quem ele confiava.

Um fio narrativo é uma estrutura composta por uma série de eventos conectados por vínculos causais que envolvem um conjunto específico de atores em um dado curso de ação (ARAÚJO apud WOLF, 2015, p.58).

Por meio desses fios, vamos traçar um gráfico da primeira temporada a partir da sua queda até a sua subida ao poder novamente e que sua vingança tenha sido concluída. No entanto há mais 4 temporadas que não dariam para escrever em no máximo 15 folhas.

Frank Underwood is the new Ricardo III

Ricardo III é a segunda maior peça de Shakespeare, perdendo só para Hamlet. Conta a história da ascensão e queda do Duque de Gloucester que elimina todos a sua frente para se tornar o rei Ricardo III durante a Guerra das Rosas. Esta disputa foi um período da Inglaterra de lutas entre duas casas, York e Lancaster. O protagonista é um vilão e um “cão infernal” como é descrito nos textos do Bardo inglês. Além disso, as pessoas que o cercam tem a mesma ambição, pelo poder e dinheiro, então ele se faz de bom ou de ingênuo e consegue ter sucesso em sua escalada para a coroa. Outra inovação da peça é que o protagonista ocupa a frente do palco e fala diretamente para a audiência.

Frank ‘Francis’ Underwood é um congressista dos Estados Unidos da América, e elimina um a um, que tenta interferir em seus planos para se tornar vice-presidente nesta primeira temporada. O congresso americano é governado em sua maioria por dois partidos, Democratas e Republicano. O protagonista da série é uma pessoa sem escrúpulos como visto em sua primeira cena que mata o cachorro sem nenhuma piedade. Ele foi capaz de trair, jogar e matar e ainda se faz de inocente ou explica (para o espectador) o porquê daquela atitude, cativando o público. Ou seja, ele é capaz de fazer qualquer coisa para resolver um problema. Geralmente explica o que está acontecendo a quem assiste, quebrando a quarta parede. Como define RODRIGUES:

“Esse termo vem do teatro, no qual os atores agem e falam como personagens no palco como se não houvesse outras pessoas na plateia. É a quarta parede imaginária que separa os dois espaços.”
RODRIGUES(2012, p.119)

Na televisão ou cinema, que não há palco e sim uma tela onde está passando o filme, quando a personagem fala diretamente para a câmera, dando a impressão que está olhando em nossos olhos, ela está quebrando a quarta parede. É uma estratégia rara na TV no século XX. Hoje, série como *Modern Family*, faz com frequência, como se fosse um documentário. Porém, no cinema, já foi usado desde os primórdios, um caso bastante estudado é a morte do magnata Charles Foster Kane em *Cidade Kane*(Orson Welles, 1941), quando ele fala a palavra *Rosebud*, e só quem escuta-o é o público que está dentro cinema, assistindo ao filme e também *Curtindo a vida adoidado*(John Hughes, 1986) e *Noiva Neurótica, Noivo Nervoso*(Wood Allen, 1977).

Não é mera coincidência os dois primeiros parágrafos deste capítulo serem bem parecidos, pois a série americana é ligeiramente baseada no livro de Ricardo III de Shakespeare, enquanto que a versão inglesa de 1990, do mesmo nome, vem de *Macbeth* do mesmo escritor;

Arcos Narrativos como escada para o poder da vice-presidência

A sinopse do episódio piloto da série mostra-nos: O congressista Frank Underwood e sua esposa, Claire Underwood (Robin Wright) ao saberem que ele não será mais o secretário de Estado (braço direito do Presidente), decidem acabar suas alianças e jogar as regras pela janela.

A partir da queda, o congressista inicia seu plano para ter de volta o seu cargo prometido e tirar as pessoas que traíram-no.

Neste trabalho, vamos percorrer este caminho por meio dos fios ou arcos narrativos como afirma Barthes:

Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela “estágios”, projetar os encadeamentos horizontais do “fio” narrativo sobre um eixo implicitamente vertical. (BARTHES, 2009, p.27).

E o autor enfatiza “ler(escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível para outro.” (BARTHES, 2009, p.27).

Frank vai a sala da secretária do Presidente, Linda Vasquez (Sakina Jaffrey) e ao chegar com os projetos de lei e prevendo que vai ser o novo Secretário de Estado, recebe a notícia que o líder do executivo não vai cumprir a sua promessa e outro será empossado. Porém, Linda pede ao congressista que apoie, pois ele tem muita influência no congresso e precisa que seja provado esta nova lei (figura 2). E Underwood mostrando que é não ficou insatisfeito, e que é leal ao sistema e ao espectador (figura 3), olha direto para a câmera, fala que já sabe qual é o próximo passo. Só faltava saber quem é o responsável pelo projeto. E é o educado e escritor, Donald Blythe (figura 4) quem irá conduzir este grande projeto da educação americana. Então, Frank já fica no enlace do estúdio para ser o primeiro que vai derrubar.



Figura 2 – Linda pede apoio a Frank



Figura 3 – Frank quebrando a 4ª parede



Figura 4 – Donald Blythe no gabinete de Frank Underwood

E nas cenas finais do episódio piloto, Frank fala para o público sobre quem está mais perto do Presidente é que tem mais poder. Conforme estão escritas no diálogo do roteiro e na figura 5:

“O poder é muito semelhante à indústria imobiliária. Tudo se reduz a boa localização. Quanto mais próximo da fonte, mais alto o seu valor. Daqui a séculos, quando assistirem esta filmagem, quem as pessoas verão sorrindo no canto da tela? (FRANK, Capítulo 1, 0:48:33)



Figura 5 - Frank acenando para o público.

Finalizando o episódio piloto, há um close no jornal (figura 6) que houve vazamento da história do projeto de reforma educacional. Este “vazamento” ocorreu por causa de Frank que entregou uma cópia do projeto a uma nova repórter (antes era apenas uma “blogueira”) do jornal The Washington Herald, Zoe Barnes(Kate Mara), e assim publicar na mídia. Ao ver a notícia estampada na primeira página, o protagonista expressa-se: “Natal em Julho”. Portanto, seu grande presente está chegando.



Figura 6 – Notícias sobre a reforma

No capítulo seguinte, ao ser procurado por Linda, Frank chama Donald para uma conversa e durante a reunião, Francis nos confessa: “Tudo que um mártir deseja é uma espada sobre a qual deseja cair...”. E logo após, o educador renuncia ao cargo de secretário da educação, passando o cargo para o protagonista. Primeiro degrau foi conquistado. Próximo passo, derrubar o Secretário de Estado, Michael Kern(Kelvin Kilner). Ele coage

um novo deputado, Peter Russo (figura 7) e só aceita este trabalho, porque é pego pela polícia dirigindo bêbado e com uma prostituta. É levado para a delegacia e Frank sabe do ocorrido, por ser da corregedoria do congresso, e chama-o para coagi-lo a ter sua fidelidade incondicional, caso contrário, ele será acusado, julgado e poderá perder o cargo. Alcoólatra, gosta de sair com prostitutas e tem um caso com a sua secretária, a ir investigar a vida pregressa do atual Secretário de Estado, sobre quando ele era universitário que escreveu em um jornal universitário criticando o Estado de Israel que hoje em dia ele o protege publicamente.

Com a queda do Secretário de Estado, deixando-o envergonhado nacionalmente em toda imprensa, Frank consegue desequilibrar o governo e se aproxima mais do Presidente, sendo seu fiel escudeiro.



Figura 7 – Russo investiga Kern

Por causa desta fidelidade a Frank Underwood, o jovem deputado teve que ficar calado em uma comissão e não pode defender o emprego das pessoas que o elegeram, assistindo o fechamento de um estaleiro de sua cidade e deixando vários amigos perderem seus empregos. Frank usa cada pessoa como objeto para aumentar o seu poder de influência.

Um dos grandes impasses é a greve dos professores por causa do novo projeto liberal de educação. Frank e um dos líderes do movimento grevista vão a um debate na TV, o congressista perde e ainda vira piada pela internet. Por meio de Zoe que mente e coloca no jornal que uma pessoa morreu por causa desta manifestação, o protagonista volta para um novo debate com o líder da greve, irrita-o, leva um soco no rosto e conseqüentemente, seu oponente perde o debate, a razão e acaba a greve.

O próximo passo é a eleição do Peter Russo a governador do estado desta forma, Frank teria mais um local para mandar e ter mais poderes.

No último frame do capítulo 7, é mostrado uma aranha presa, pelo congressista, dentro de um cálice (figura 8) que é uma metáfora da falsa liberdade, que ela tenta sair e não consegue porque a superfície é lisa e não dá para sair por cima. O mesmo acontece com Claire, Zoe e Russo em relação a Frank. Todos tem uma certa liberdade assistida pelo congressista.

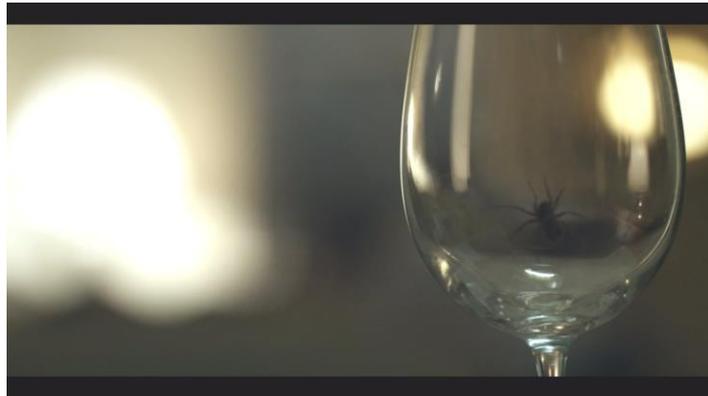


Figura 8 – Aranha presa dentro do copo, como Russo, Claire e Zoe estão presos a Frank.

Durante alguns capítulos, Frank articula a ascensão de Peter Russo para ser governador do estado da Pensilvânia. Fica amigo do Vice-Presidente que é do mesmo estado, para que apoie a candidatura de Peter.

Quando um projeto de lei ambiental não foi aprovado, conforme prometido Frank a Russo e a possibilidade de reaver os empregos dos seus amigos do estado da Pensilvânia, Peter rebela-se contra o congressista e volta a beber. Após dar uma entrevista na rádio, bêbado, termina de enterrar a sua candidatura.

Linda Vasquez recebe um telefonema da Universidade de Harvard dizendo que o seu filho não foi aceito como aluno. Frank sabendo disto e tendo suas influências, consegue que o rebento ingresse no local almejado, ganhando admiração e confiança da secretária. Após, tudo arquitetado, chega-se ao capítulo 11 (figura 9).



Figura 9 – Frank fala dos seus planos

Plano principal, tirar o vice-presidente do “jogo” e ocupar o seu lugar. Com Russo fora da eleição, Frank sugere que o próprio vice se candidate a governador, por ter empatia com seus eleitores. Underwood reúne-se com o Presidente e profere que é a melhor opção para ser governador da Pensilvânia é o Vice-Presidente e tem o apoio incondicional de Linda.

Enquanto isso, Russo bêbado e descontrolado, vai à delegacia e quer se entregar. Um dos policiais o reconhece, liga para Stamper (o secretário de Frank), e os dois vão busca-lo.

Underwood tem um plano: eliminar Russo do “jogo”. Descartá-lo. Conforme mostra o seu olhar no frame da figura 10, quando ele quebra novamente a quarta parede.

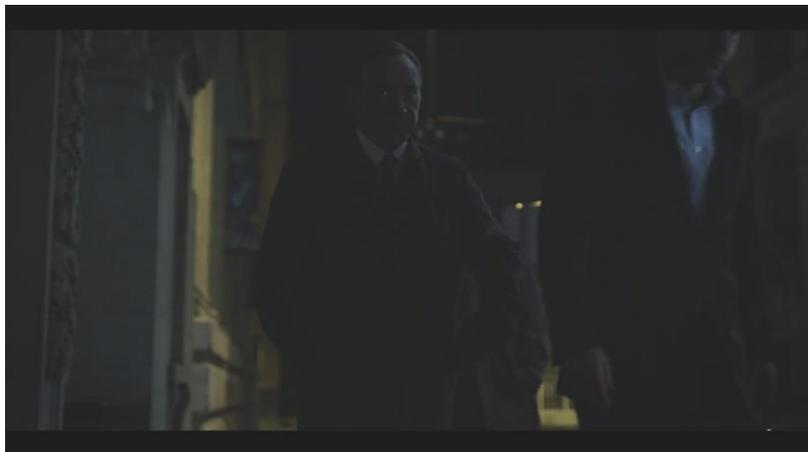


Figura 10 – Frank mostra ao espectador que vai cometer alguma atrocidade com Peter

Frank entra no carro de Russo, leva-o para casa, e durante o caminho, Peter diz que no dia seguinte vai contar tudo para a imprensa, não importa o que vai acontecer. Então, Underwood estaciona na garagem do deputado, dá mais uma bebida e ele cai no sono. O protagonista deixa o carro ligado, soltando fumaça, limpas as digitais, fecha a garagem e deixa Russo morrer intoxicado com o gás carbônico liberado pelo escapamento do carro (figura 11). Desta maneira eliminando uma pessoa que poderia impedi-lo de ser Vice-Presidente.



Figura 11 – Frank deixa Peter morrer asfixiado

Antes de ser indicado para Vice-Presidente, Frank é enviado pelo Presidente para conversar com um rico e poderoso empresário dos EUA (Raymond Tusk, interpretado pelo ator Gerald McRaney) a fim de convencê-lo a aceitar o cargo. Eles passam quase dois dias juntos e descobre-se que o executivo é um grande amigo do Presidente e por dedução, Underwood sabe que ele está sendo testado e para ser vice-presidente tem que ficar dependente das empresas do Tusk. Portanto, ele encontrou uma pessoa que joga igual ao político, conforme ele fala para o espectador no capítulo 12 e mostrado na figura 12.

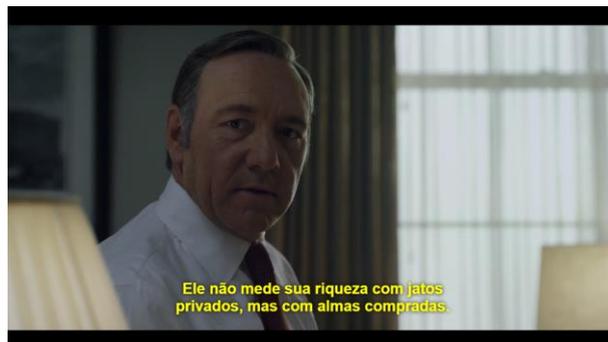


Figura 12 – Frank fala do Tusk

Mesmo assim, Francis não quer ser esta “alma comprada” e sim ficar no poder sem ter que ficar dependente do Raymond. Em sua fala dentro da igreja e para o espectador, Underwood fala e então é mostrado o seu lado egocêntrico, mais uma vez.

Venha cá. Olhe-me no olho e diga o que precisa dizer. Não há nenhum conforto, nem em cima nem abaixo... apenas nós... pequenos, solitários, lutando, brigando uns com os outros. Eu rezo para mim mesmo e por mim mesmo. (FRANK, Capítulo 13, 0:23:09)

Frank tem que ter todos em suas mãos e possuir o controle de tudo, por isso ele não aceita o acordo com o Tusk, que o quer sobre sua tutela (figura 13), porém se o político for aceitar, terá que ser um contrato bilateral (figura 14).

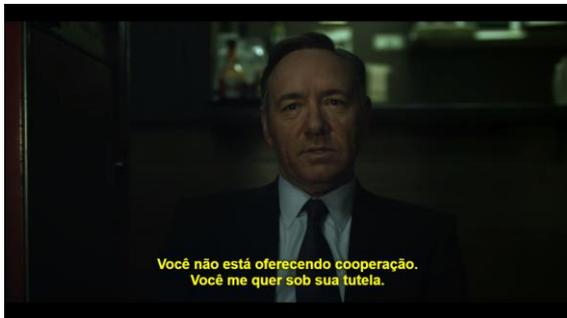


Figura 13 – Frank negocia com Tusk



Figura 14 – Negociação final de Frank para Tusk

Ao final do capítulo é revelado o plano do Presidente com o Tusk de testar Frank, se ele está realmente preparado para ser Vice-Presidente. Com o consentimento do empresário, Francis é empossado como Vice-Presidente e aceitando o cargo se fazendo de surpresa (figura 15).



Figura 15 – Frank aceita a vice-presidência

Portanto, quando ele chega em casa, o seu segurança, Meechum, fala o novo “título” de vice-presidente (figura 17) para Frank ‘Francis’ Underwood.



Figura 17 – Meechum o chama de Vice-Presidente

Conclusão

Frank em toda a primeira temporada comprou e escravizou as almas de algumas pessoas. Bem mostrado na sua primeira imagem da figura 1, que o público vê um lado do rosto iluminado e o outro lado não, a bipolaridade dos lados, um benévolo(face clara) e outro que ocupa o maior espaço, o perverso(face escura). Em vista disso, o congressista foi conquistando o seu espaço, através de suas articulações, traições e um crime bárbaro, como no livro de Shakespeare, Ricardo III.

Neste artigo foi proposto a ascensão do congressista Frank Underwood, na primeira temporada de *House of Cards*, por meio de seu arco narrativo, no entanto há outros arcos a serem estudados para criar uma teia de fios que levam a um ponto de convergência, para que nada caia do céu (Deus ex-machina) e como há uma boa estruturação das cenas, em que um acontecimento seja consequência da ação anterior para criar verossimilhança a narrativa, como suas relações com a esposa, Claire, a jornalista Zoe Barnes, o secretário Stamper, ligação com Peter Russo e seu vínculo de “amizade” com Linda Vasquez, a secretária do Presidente. Todas essas histórias há uma forte ligação para que os arcos convirjam a um ponto: Frank chegar ao poder máximo do executivo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Eduardo Silva de. **Crystal Blue Persuasion: A construção de mundo fíncional no seriado televisivo Breaking Bad**. Salvador: UFBA, 2015.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. 6ª. Ed. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 6^a.ed, São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. In: Revista Matrizes, São Paulo, vol. 5, n^o2, PP. 29 – 52, 2012.

OLHAR DIGITAL. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/pro/noticia/netflix-alcanca-81-milhoes-de-assinantes-pelo-mundo/57368>>. Acesso em 20 de junho de 2016

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RODRIGUES, Sonia. **Como escrever séries: roteiro a partir dos maiores sucessos da TV**. São Paulo: Aleph, 2014.